

Corte virá primeiro para residência

Apesar da autorização dada pelo ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, a CEB não está preparando nenhum projeto próprio de racionamento. Apenas definirá meios de aplicar aquilo que for definido, neste hipótese, pelo Departamento Nacional de Água e Energia Elétrica. É previsível, porém, que se for determinado um corte compulsório na demanda da cidade os primeiros atingidos serão os consumidores residenciais, o comércio e a prestação de serviços: em uma demanda de perfil atípico em relação ao de outras grandes cidades do País, estes segmentos respondem por mais de 55 por cento do consumo.

Rada mencionou o fato de que, se ednaee determiar uma diminuiçô especificamente no setor industrial, Brasília pouco poderá contribuir. Até julho deste ano, as poucas indústrias do DF consumiram apenas 9,17 por cento de toda energia gasta. Uma redução aí, portanto, em quase nada alteraria a demanda global. Para que ela sofra alguma queda razoável, é possível dizer — embora a CEB não tenha planos neste sentido — que necessariamente haverá medidas restritivas ao consumo nas residências e no comércio, serviços e outras atividades correlatas. O terceiro da fila é o Poder Público, que já reduziu sua fatia no bolo da energia de 14,2 por cento em 1985 para 12,9 nos sete primeiros meses de 1986. Os demais segmentos têm participações inferiores a 10 por cento na demanda global.

Logo após a indústria, vêm os serviços públicos e a iluminação pública quase empatados. O primeiro setor gastou 7,01 por cento de toda energia consumida no DF este ano (até julho). O

segundo, 7 por cento. Por serviços públicos, entenda-se Caesb: praticamente toda demanda, no item, é representada pela eletricidade gasta para a captação, tratamento e distribuição de água. É interessante notar que a Caesb não paga suas contas à CEB desde meados de 1985 — enforcadas que andam suas finanças.

PERFIL MUDA

De 1984 para 1985 e 1986, houve algumas alterações no perfil da demanda no DF, observando-se que o consumo residencial manteve-se estável e apresentou até uma tendência à baixa em sua participação no consumo total. Em 1984, ele foi responsável por 30,31 por cento. Em 85, por 30,04 e em 86, por 29,85. A indústria, que reaqueceu notavelmente após o surgimento do cruzado e da nova economia nacional, já vinha aumentando sua participação. Em 1984, ela foi de 7,87 por cento. Em 85, passou para 8,59. Nos primeiros sete meses de 86, chegou a 9,17 por cento.

Alterou-se no período a posição dos serviços públicos e da iluminação pública. Em 1984, o segundo item era ligeiramente mais forte: 6,87 contra 6,77 por cento. Em 85, a posição se alterou, com um crescimento na fatia dos serviços, que subiu para 6,89, enquanto a iluminação descia pra 6,82 por cento. Nos primeiros sete meses de 86, a situação se inverteu de novo: iluminação 9,01 — serviços públicos, 7 por cento. Comércio e serviços também mostram certa tendência à queda na participação: de 26,04 por cento em 1984, subiu ligeiramente em 1985, ficando em 26,32 — mas caiu para 25,63 de janeiro a julho de 86. E

de assinalar que todos os setores — à exceção do Poder Público e da própria CEB — têm seu consumo aumentado, referindo-se os decréscimos apenas a sua participação no conjunto dos gastos.

Assim, de janeiro a julho deste ano — em comparação a igual período de 1985 — o consumo industrial no DF subiu 29,2 por cento, passando de 84 mil 387 megawatts hora para 96 mil 117. O consumo residencial aumentou em 8 por cento, indo de 298 mil 638 para 312 mil 818 megawatts hora. O consumo rural, responsável por pouco mais de 1 por cento de toda a demanda, cresceu 12,2 por cento. O serviço público gastou mais 11,77 por cento. A iluminação pública, mais 5,86 por cento. O comércio, 4,92. O poder Público reduziu efetivamente seus gastos em 1,24 por cento: gastara 136 mil 614 megawatts hora de janeiro a julho de 85, e no mesmo período de 86 consumiu 134 mil 920. A CEB, para mostrar que o exemplo começa em casa, encolheu seus gastos próprios em 6 por cento — o que, em termos globais não representa muito: a participação da empresa na demanda é pequena, havendo descido de 0,26 para 0,23 por cento.

O consumo total aumentou em 8,70 nos sete primeiros meses do ano, em comparação a igual período de 1985. Passou de 964 mil megawatts hora para 1 milhão 47 mil 902. Entre 1984 e 1985, o aumento fora menor: 5,29 por cento, levando o consumo anual de 1 milhão 629 mil 786 para 1 milhão 716 mil 24 megawatts. Se até o final do ano o aumento se mantiver na ordem de 8 por cento, Brasília gastará 1 milhão 853 mil 306 megawatts hora. A menos que o racionamento a impeça.